MAIS QUE ASSISTENCIALISMO: A FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL

GOMES da SILVA, Lisley C.[1]

INTRODUÇÃO

Este trabalho, refere-se a análises de relatos de experiências, que evidenciam e combinam a importância da pedagogia crítica, como ciência da educação, na configuração e no desenvolvimento de uma instituição filantrópica e assistencialista que abarca um contexto educacional.

A transição das práticas assistencialistas para processos de formação humana integral constitui um dos desafios centrais da educação contemporânea. Historicamente, o assistencialismo consolidou-se como uma solução paliativa para suprir as diversas demandas de atendimento e atenção do poder público às necessidades e desigualdades sociais. Considerando as especificidades dos espaços/tempos cronológicos e políticos, em sua grande maioria, essas instituições pautavam-se, basicamente, na passividade do indivíduo atendido e na manutenção de estruturas de dependências, porém, há exceções, principalmente em instituições com trabalhos educativos e educacionais.

Para tanto, para sulear este trabalho, enfatizando uma instituição filantrópica assistencialista, trazemos a seguinte reflexão: em que consiste transcender limites e paradigmas em prol de uma educação humanizadora?

Como aportes teóricos, ancoramos nos estudos de Franco (2020-2025), assim como nas perspectivas pedagógicas de Freire (1967-1996-2014). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que os dados foram construídos por meio de pesquisas bibliográficas na historicidade da instituição, nos aportes e no contexto organizacional/funcional da instituição.

Pretendemos dialogar sob a ótica de nossa convicção a qual reconhece que a formação humana, fundamentada na prática social de autoria e na dialogicidade freireana, pode ser o caminho para a consolidação necessária de uma educação humanizadora, aquela em que se busca verdadeiramente a condição emancipatória, a autonomia e, principalmente, a

[1] Dra. em Educação; Pesquisadora; Profa. Universitária; Consultora Educacional. Faculdade Alphaville. e-mail: gomeslisley@yahoo.com.br .

conscientização, capaz de converter a assistência pontual em formação e cidadania plena e ativa. Para tanto, recorremos às cientificidades da Pedagogia (ciência; curso; profissão).

Os resultados preliminares nos trazem indícios de que embora seja complexo e desafiador, as instituições assistencialistas podem ser fortes aliadas na coconstrução de uma outra condição social, ou seja, uma condição mais justa, inclusiva e com menos desigualdades e desumanidades. E o papel de pedagogos críticos pode ser um diferencial, visto que, a herança assistencialista, por vezes, negligenciou o caráter pedagógico em prol da urgência material.

Esse fato consiste em um dos primeiros desafios: a transição paradigmática.

O Transitar do assistencialismo para o pedagógico

É importante esclarecer que, superar o assistencialismo não significa abdicar do suporte social, mas sim integrá-lo a uma intencionalidade educativa que reconheça o indivíduo como um ser humano de direitos e de autoria. É nessa perspectiva em que a Pedagogia assume um papel científico central, deixando de ser mera técnica instrucional para se consolidar como a ciência responsável por subsidiar as intervenções possíveis das práticas sociais transformadoras. Prática essa reconhecida por Franco (2005) a qual postula que a Pedagogia detém um estatuto científico próprio, cujo objeto de estudo é a práxis educativa.

Em um contexto institucional, essa ciência permite diagnosticar as condições de vulnerabilidade e organizar intervenções que não apenas aliviam a carência; assossegam a dor emergencial; acolhem na urgência; mas, prioritariamente, mobilizam condições para o desenvolvimento das potencialidades humanas. A prática pedagógica torna-se, portanto, uma prática social de autoria (emancipação e autonomia), onde a instituição contribui fornecendo os meios para que o indivíduo envolvido produza novos sentidos para sua existência.

Paulo Freire (1967) denuncia o assistencialismo como uma ferramenta de domesticação que mantém o indivíduo em um estado de "consciência intransitiva". Para o autor, a verdadeira humanização pressupõe a conscientização, ou seja, um processo pelo qual o oprimido desvela a realidade e se reconhece como sujeito capaz de transformá-la. Processo a ser desencadeado pela pedagogia.

É imperativo destacar que o caráter filantrópico de uma organização não é antagônico à formação humana; ao contrário, pode potencializá-la. Quando uma instituição filantrópica

assume a formação de seres humanos como sua causa própria, ela opera uma redefinição de sua função social, caminhando no sentido da transcendência de seu paradigma assistencialista. A filantropia transmuta-se em investimento pedagógico, criando um ambiente no qual a prática social de autoria é semeada e pode florescer, produzindo muitos frutos. Nessa linha de raciocínio, a instituição deixa de ser somente uma provedora de caridade para tornar-se um ecossistema de mediação científica, onde a causa da formação humana orienta cada ação a ser desenvolvida, elevando-a ao patamar de prática emancipatória crítica formativa, ou seja, a práxis.

Como afirma Freire (1987, p. 38), "a práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo". Na convergência, Franco (2022) relata que a formação humana é o resultado dessa práxis, onde o saber científico pedagógico organiza o espaço para que a liberdade freireana se concretize. Uma práxis amparada pelo rigor científico e pela sensibilidade libertadora, permitindo-nos a compreensão de que a formação humana pode ser o antídoto transgressor e transcendente ao assistencialismo neutro conformista.

Sendo assim, o diálogo é requisitado como dispositivo elementar. Um diálogo que se constitua como uma ferramenta, como dispositivo pedagógico. Aquele que transgride a imposição ao silêncio e fomenta a transcendência à luta e a transformação.

Um diálogo que, sendo pedagógico, exige o reconhecimento e o respeito ao outro, à sua história e cultura; às suas subjetividades e circunstancialidades. É um convite ao encontro, ao compartilhamento de ideias e ideais, de vitórias e de insurgências persistentes. Momentos de falas e escutas, de presença e de pertencimento. Um diálogo pedagógico que se constrói no transitar do processo, no desbravar novos caminhos, no desvelar novos sentidos. Um diálogo pedagógico que rejeita um sistema de acomodação e adaptação em prol de uma regulação social. Um diálogo pedagógico que se configure como sendo a própria luta coletiva por uma reexistência.

Um relato experiencial: AIS Gota de Leite

Para contextualização, um pouco da historicidade desse local. No início do século XX, a cidade de Santos enfrentava severos desafios de saúde pública decorrentes do crescimento urbano desordenado e de epidemias recorrentes. Nesse cenário, a mortalidade infantil apresentava índices alarmantes, impulsionando a criação de entidades filantrópicas para suprir

a ausência de políticas estatais robustas. Em 11 de junho de 1914, sob a liderança do Dr. Alcides Lobo Viana, foi estabelecida a Assistência à Infância de Santos.

Segundo pesquisas, o nome intitulado pela instituição foi "Gota de Leite" remetendo à estratégia de segurança alimentar adotada pela mesma. O objetivo da época era mitigar a desnutrição neonatal, sendo assim, a entidade implementou um rigoroso controle de qualidade sobre o leite distribuído, chegando a manter um plantel de gado holandês em estábulo próprio. Tal iniciativa representou um marco na higiene alimentar e na puericultura da Baixada Santista, priorizando o suporte às mães em situação de vulnerabilidade que não podiam amamentar seus filhos.

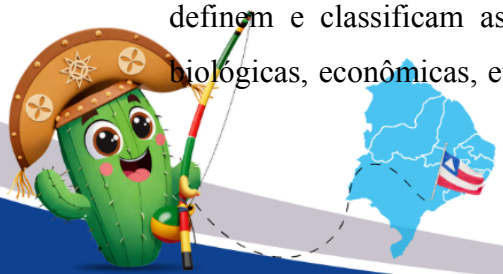
A consolidação institucional materializou-se com a inauguração da sede própria na Avenida Conselheiro Nébias, em 1924. O projeto arquitetônico foi concebido para abrigar um lactário e ambulatórios pediátricos. Em 1939, a estrutura foi ampliada com a fundação do Hospital Infantil Gota de Leite, consolidando o atendimento médico especializado e funcionando, em paralelo, como abrigo e internato para crianças em situação de abandono.

A transição para o Modelo Socioeducativo se deu por conta da evolução das políticas públicas de saúde e a municipalização do atendimento hospitalar. Sendo assim, a Gota de Leite redirecionou seu escopo de atuação.

Atualmente, a instituição configura-se como um centro de Educação Infantil e Desenvolvimento Social. O currículo contemporâneo integra os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU e promove a formação integral através de projetos extracurriculares. Traz como sua missão: oportunizar educação, esporte e cultura para crianças e adolescentes, contribuindo para a formação integral de cidadãos críticos (Plano de Gestão, 2025/2026). Entendemos que a educação é um instrumento que proporciona um compartilhamento de conhecimento e oportunidades, contribuindo para a concretude de uma sociedade mais justa e mais solidária.

A educação humanizadora do “Gota”

A transição para a formação humana encontra na obra de Paulo Freire sua sustentação ética, fundamentada na dignidade humana. O autor defende uma ética que deve fundamentar a convivência humana inclusiva, oposta a todas as posturas deterministas impositoras que definem e classificam as pessoas de acordo com suas condições e/ou escolhas (culturais, biológicas, econômicas, etc.). A ética de Freire (2014), portanto, opõe-se a qualquer forma de



exploração, promovendo a solidariedade e a esperança. É com esse viés que a instituição suleia seu projeto e suas práticas pedagógicas.

Entendemos que uma prática pedagógica humanizadora, considera os diferentes indivíduos nela envolvidos como atores, e, fazendo da realidade objeto de sua análise crítica, jamais dicotomizada da ação, vão se inserindo no processo e construindo sua história, visto que, ela não está determinada, está apenas condicionada, portanto passiva de transformações e reconstruções.

Hoje recebemos em média 400 crianças, divididas entre a educação infantil em tempo integral e projetos ampliados (contraturno; interno e externos). A educação infantil conta com berçário; maternal; jardim e pré-escola. Hoje os projetos ampliados são: Gotas no Judô; Musicalidade na Gota (violão e percussão); Gota+verde.

A instituição dispõe de uma excelente estrutura física, e um bom quadro de funcionários voltados ao pedagógico, composto por educadoras, auxiliares, estagiárias de pedagogia e psicologia, coordenadoras pedagógicas, direção pedagógica e direção pedagógica geral. Todo trabalho pedagógico é tecido coletivamente de acordo com as necessidades dos alunos (desenvolvimento físico e cognitivo e cultural), respeitando as legislações e normativas específicas, adequando-as à nossa realidade e posicionamento pedagógico, ancorados na pedagogia como ciência da educação, pois, a compreensão da formação humana como um processo de autonomia exige que a Pedagogia se afirme não apenas como uma técnica instrucional, mas como uma ciência complexa e mediadora da práxis social.

Conclusão

A ciência pedagógica oferece a estrutura metodológica para que a intenção filantrópica não se perca no paliativo. Ao promover a autoria social, a instituição cumpre sua missão mais nobre: a de tornar o sujeito autônomo, consciente e capaz de, partindo de uma condição de assistido, tornar-se coautor da transformação da sociedade. Diante da explanação dessa experiência podemos afirmar que uma instituição filantrópica pode (e deve) com um exercício de rigor científico ser um espaço/tempo de emancipação, autonomia e formação humana em prol de um mundo melhor.

Palavras chave: Pedagogia Crítica; Educação Humanizadora; Pedagogos; Instituições Filantrópicas

Referências

FRANCO, Maria Amélia R. Santoro. Por uma didática decolonial: epistemologia e contradições. **Revista Educ. Pesquisa**, São Paulo, v. 48, e240473, 2022. Disp. em: https://www.scielo.br/j/ep/a/WwPRwm3znrGLRDYGfXMDx7c/?format=pdf&lang=pt . Acesso em 20/01/2026.

FRANCO, Maria Amélia R. Santoro. **Pedagogia como ciência da educação**. Campinas: Papirus, 2005, 144 p.

FRANCO, Maria Amélia do R. Santoro. Pedagogias e Práticas Pedagógicas Interculturais. **REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA**, Santos, SP, Brasil, v. 12, n. 27, p. 367–379, 2020. Disp. em: https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/991 . Acesso em: 10 maio. 2026 .

FRANCO, Maria Amélia do R. Santoro. Pesquisa-Ação Pedagógica (PAPe): sistematização de uma metodologia crítica construída na e com a práxis educativa. **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, p. e025006, 2025. Disp. em: https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/view/2352. Acesso em: 10 maio. 2026 .

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

WILLIANS, Sergio. Almanaque Santista. web site: www.memorialsantista.com.br. Disp. em: https://memoriasantista.com.br/gota-de-leite-100-anos-de-protecao-a-crianca/ Acesso em 08/05/2026.